

CULTURA NO AR

PEDIDO DE DEMISSÃO DO CINEASTA SÍLVIO TENDLER DA FUNÇÃO DE SECRETÁRIO DE CULTURA REABRE DEBATE SOBRE UMA POLÍTICA CULTURAL PARA O DISTRITO FEDERAL

PAULO PANIAGO

O pedido de demissão do Secretário de Cultura Sílvio Tandler encaminhado na terça-feira e aceito pelo governador Cristovam Buarque, culmina o processo de pressão interna entre Secretaria de Cultura e Fundação Cultural e deixa transparente a briga do PT na busca desse cargo. O documentarista Tandler resistiu a duas tentativas de fritura esse ano, mas não conseguiu mais fazer avançar os projetos e decidiu pela demissão.

Ele permanece ainda por um período de dez dias no cargo a pedido do governador. Depois, volta para o cinema. "Vou a Bahia fazer *Castro Alves*, um filme que tem roteiro meu e de José Carlos Capinam", disse Tandler, que finaliza um curta, *Antonieta*, para o Canal Plus europeu.

Na linha da sucessão para o cargo de Secretário de Cultura aparecem os nomes de Nilson Rodrigues, diretor da Fundação Cultural e o principal adversário de Sílvio Tandler; Hélio Lopes, atual administrador do Cruzeiro; e Geraldo Magela, o ex-líder da Câmara Distrital. Pelo menos um dos candidatos, Nilson Rodrigues, descarta a hipótese do próprio nome: "Algumas pessoas falam isso. Não sou signatário dessa opinião. Não seria adequado. É melhor continuar o trabalho que estou desenvolvendo na Fundação. Essa é uma prerrogativa do governador e não quero supor nada".

Ao fazer uma avaliação do período - 11 meses - em que ocupou o cargo, Sílvio Tandler frisou ter buscado "o ISO 9000 para a cultura". "Temos que introduzir a questão da qualidade nos debates culturais", afirmou. A manifestação mais clara dessa qualidade, no entendimento de Tandler, foi alcançada com o Festival de Brasília, que deu uma virada na tradicional "cobrantina" para "discutir cinema, ao invés de somente a política cinematográfica".

O Secretário de Cultura teve três frentes eleitas de trabalho: uma política de restauro do patrimônio - o Teatro Nacional já tem obras iniciadas e a Concha Acústica é o próximo -; investimento em formação, através de cursos e oficinas; e os eventos (a ocupação física dos espaços é o que mais repercute na mídia). "O mais importante nisso tudo foi que a cidade



Sílvio Tandler: "Eu sempre busquei o ISO 9000 para a cultura. Temos de introduzir a questão da qualidade nos debates culturais"

começou a recuperar sua auto-estima", avalia Tandler.

A parceria aliada à qualidade foi outro ponto pelo qual se bateu o documentarista. "Foi a parceria com o MinC e com a Fundação Banco do

Brasil que está permitindo a restauração do Teatro Nacional, com investimento de mais de dois milhões", argumentou, antes de completar o quadro: "Ao final até as bilheterias estarão informatizadas".

O Museu do Século 20, uma cinemateca com um grande acervo de vídeo e som que poderia ser a menina dos olhos de Tandler junto com o Festival de Cinema, talvez seja um projeto sem chance de continuidade. Vai

depende do perfil do novo Secretário de Cultura. A ideia seria transformar a sede do Pólo em galpão climatizado e com condições de receber o acervo visual e sonoro.

Nem tudo recebeu uma avaliação positiva, entretanto. Tandler admite que a literatura foi uma área que "não teve os recursos que deveria ter". O fato de haver pessoas na cidade como Luís Gutenberg ou Ronaldo Costa Fernandes (diretor da Funarte e ganhador de um prêmio Casa de las Americas) faz Tandler acreditar que a cidade dispõe de um "potencial ainda não explorado". Artes plásticas foi outra área crítica. Ele afirma: "As artes plásticas precisam ter um salão, um prêmio aquisição".

Ao deixar definitivamente o cargo, Tandler deve apresentar ao governador um relatório com todas as frentes de trabalho e a situação de cada uma. Esse relatório defende que a Cultura tenha uma participação um pouco mais ativa no orçamento do GDF: 1%. "Essa é a minha proposta", avalia o documentarista. "Sem recursos, não há cultura".

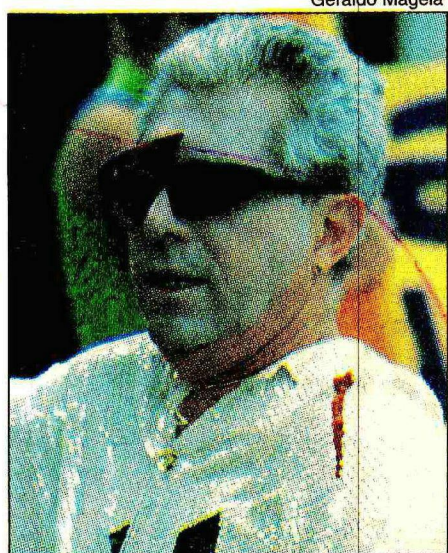
No princípio, era o verbo. No futuro da cultura do Distrito Federal, é a verba. A matemática do orçamento apertado para o próximo ano faz a Secretaria de Cultura ter uma única certeza: a de que o futuro é incerto.

Nessa questão orçamentária, Arquivo Público e Fundação Cultural são os que mais sofrem. Além de uma queda nos valores absolutos (a Fundação gastou R\$ 14.909.720 esse ano e tem 14.434.500 para o próximo ano; o Arquivo teve R\$ 1.269.000 e na previsão terá apenas R\$ 924.250), em 1996, a Fundação comprometeu 66,47% do seu orçamento com o pagamento dos salários de seus funcionários. Esse número vai subir para 78,6%, o que deixa muito pouco para as despesas e os investimentos.

A questão a se colocar até que o nome do próximo Secretário de Cultura seja uma realidade, é qual a mudança fundamental que o PT pode imprimir à cultura do Distrito Federal. Indo além disso: Qual é o projeto cultural tão importante e prioritário para o Partido dos Trabalhadores a ponto de ter se batido com tanto afinco por esse cargo durante dois anos? O governador, ao escolher um nome, terá a difícil tarefa de encontrar alguém com esse perfil.

REPERCUSSÃO

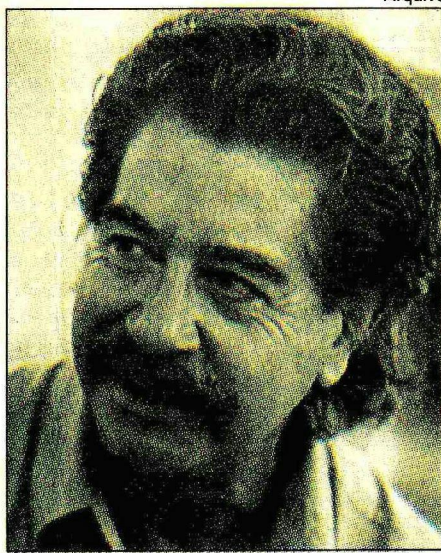
Ary Pararrais, diretor do *Esquadrão da Vida*: "O grande problema é serem a Secretaria e a Fundação Cultural dois órgãos diferentes. Acho que Sílvio tentou imprimir uma certa marca, sem entender direito o que ocorria. O problema não é ele, é o corpo todo, a inexistência de uma política definida, a preferência pelo evento e não por um processo cultural. A briga foi de política partidária e não de idéias. As forças de esquerda têm mais experiência na militância que na administração. O Sílvio é vítima desse sistema. Os espaços são muito comprimidos, disputados, ao invés de administrados. Se nós tivéssemos



Geraldo Magela

uma grande demanda de trabalho, não haveria tempo para tanta briga. Era preciso um pouco mais de nobreza na coisa pública, e também na cultura."

Lyonel Lucini, presidente da Associação Brasileira de Cinema e Vídeo: "Soube que havia uma pressão para que o Sílvio se definisse politicamente. Fui surpreendido com sua demissão. Primeiro porque ele não estava fazendo uma gestão tão imprópria ou negativa. Soube por ele das dificuldades financeiras do ano que entra. Vai ser difícil superar o trabalho que Sílvio fez. O fato é que na área cultural há um vácuo muito grande, e maior ainda no cinema. Sílvio adotou muito o discurso neo-liberal de que o Estado deve ter o mínimo de participação em tudo. Ele é um intelectual brilhante, um dos melhores do país. A questão agora é: será que o PT adquiriu experiência para fazer uma gestão adequada? E qual é a gestão adequada para o DF?



Arquivo

Não se pode ser estritamente popular. Temos 140 embaixadas, representações diplomáticas. Goste ou não, as maiores autoridades políticas do país estão aqui. Vai ser preciso uma pessoa sábia."

Ralph Gehre, artista plástico: "É árduo avaliar. O PT tem dificuldade em negociar com outros partidos. Na prática política, ele faz acordos. Os meios e os fins estão embaralhados. Tem o velho ditado, ninguém é insubstituível. Não gosto dos velhos ditados e acho que ninguém é substituível. Sílvio tinha todo o sentido de estar no cargo por ser uma pessoa da área, com uma história. Não existe garantia de que o artista vá ser um bom administrador. Ele teve um período muito curto. O Festival de Cinema demonstrou o crédito que o Sílvio tem. Acho uma lástima a sua saída. Existe uma questão que não vem à tona: a vida diária com funcionários. Nós só avaliamos a ponta do processo, os eventos, mas há um problema funcional, de manutenção, que são coisas que não conseguimos avaliar. Que exista uma



Marcos de Oliveira

briga do PT pelo cargo, eu acho uma lástima. Penso que cada vez mais a participação do governo deva ser orientada para dar direito de acesso cultural às pessoas e intermediar as partes nas questões de tributos e leis."